

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, PAISAGEM E ECOSOFIA: O AFETO QUE SURGE DE ENCONTROS

Viviane Röhrs¹

Jane Mazzarino²

Resumo: O objetivo é investigar a potência de intervenções em Educação Ambiental provocadoras de experiências ecosófica para ampliar o envolvimento de mulheres rurais com suas paisagens. Trata-se de uma pesquisa de cunho intervencionista, apoiada em estudo bibliográfico, documental e de campo. O estudo delimita-se a um grupo de nove mulheres rurais do município de Lagoão, Rio Grande do Sul. As análises foram organizadas em duas categorias que emergiram ao longo do estudo: a) a proposta de intervenção, suas intenções e potências; b) ressignificações da paisagem de vida. Como resultados, identificou-se que as metodologias participativas e as vivências na natureza promoveram processos sensibilizadores capazes de provocar transformações ecológicas na vida das mulheres rurais; e que as paisagens socioambientais, com as intervenções, ficaram mais claras e assumiram algumas novas nuances.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Mulher Rural; Paisagens Socioambientais; Ecosofia.

Abstract: The objective is to investigate the power of interventions in environmental education that provoke eco-friendly experiences to increase the involvement of rural women with their landscapes. This is an interventionist research, supported by a bibliographic, documentary and field study, which investigates emerging meanings and also the potential of some participatory environmental education techniques. The study is limited to a group of nine rural women from the municipality of Lagoão, Rio Grande do Sul. The analyzes were organized into two categories that emerged throughout the study: a) the intervention proposal, its intentions and powers; b) redefinitions of the landscape of life.

Keywords: Environmental Education; Rural Women; Socio-Environmental Landscapes; Ecosophy.

¹ Univates. E-mail: vivirohrs@gmail.com

² Univates. E-mail: janemazzarino@univates.br

Introdução

Ao mesmo tempo em que se observa a separação entre humano e a natureza, ou até mesmo entre um humano do outro humano, torna-se, ao mesmo tempo, urgente que se busque a aproximação destes num âmbito de afetividade. Em relação às mulheres, historicamente percebe-se este tipo de ligação entre a natureza ecológica e os aspectos femininos, por ambos terem sentidos atrelados ao cuidado, à oferta de recursos que mantêm a vida. No contexto histórico, a mulher sempre se conectou com a fertilidade da terra, ligando-se à produção de alimentos para o sustento da família. Assim, criou-se, culturalmente, um forte elo entre a mulher e a natureza, e isto se evidencia no meio rural, onde se pressupõe que está mais próxima dos recursos naturais. Neste sentido, reconhece-se que o cuidado e o afeto fazem parte da natureza feminina.

O que se busca é gerar alguma transformação na realidade cotidiana de um grupo de mulheres, provocando experiências afetivas, sociais, ambientais. Neste sentido, o objetivo é investigar a potência de intervenções em Educação Ambiental provocadoras de experiências ecosófica para ampliar o envolvimento de mulheres rurais com suas paisagens. A reflexão se apoiará nas experiências cotidianas de mulheres rurais e nas experiências provocadas por meio da pesquisa, a fim de compreender como essas vivências podem resultar em ressignificações das relações humanas com o ambiente.

A perspectiva da Educação Ambiental assumida neste artigo busca inspiração na proposta ecosófica de Felix Guattari, o qual aponta a necessidade de interação entre três dimensões ecológicas: subjetiva, social e ambiental. O estudo explora processos de Educação Ambiental vivenciais e colaborativos, baseados no contato direto com a natureza e no uso de tecnologias sociais e midiáticas, que estimulam a interação com o meio ambiente de forma sensorial e afetiva.

Entende-se que, assim, a Educação Ambiental possibilita a compreensão das relações do sujeito com o meio, de modo transformador e criativo, e também pode potencializar conexões e o sentimento de pertencimento em relação às paisagens socioambientais em um contexto comunitário. Este modo de Educação Ambiental, que associa aspectos ecológicos e existenciais por meio da experiência, valoriza os sentidos. Portanto, entende-se que a ecosofia incrementa a percepção das paisagens socioambientais, por meio de uma experiência íntima com a natureza, provocando a reinvenção de si. É pertinente afirmar que se trata de uma proposta pouco explorada em Educação Ambiental, que está sendo aprofundada nos estudos do grupo de pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (Ceami/CNPq) do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), na Universidade do Vale do Taquari - Univates³.

³ Esta pesquisa tem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Educação Ambiental, contato e a criação de paisagens

Pensar na relação de mulheres rurais com a paisagem socioambiental a partir da Educação Ambiental contribui para a reflexão dos contextos rurais atuais e suas ressignificações. Partiu-se do pressuposto que, por meio de influências culturais e de experiências de vida, as pessoas atribuem valores e significações ao ambiente natural, o que resulta em sua transformação pelos humanos.

Conforme Higuchi e Azevedo (2004), no caso da Educação Ambiental é importante ter o entendimento de como as pessoas pensam, aprendem e agem no meio em que vivem. Os autores consideram relevante compreender “*a percepção que as pessoas têm do mundo, das coisas e das outras pessoas*” (HIGUCHI; AZEVEDO, 2004, p. 64). O conhecimento do modo de vida das pessoas possibilita uma reflexão em relação às atitudes construtivas ou destrutivas encontradas em determinada sociedade. Dessa forma, pode-se “*interpretar o que significa para aquelas pessoas fazer ou pensar do jeito que o fazem. Só essa compreensão poderá trazer o cuidado que é preciso ter para introduzir novas práticas*”. (HIGUCHI; AZEVEDO, 2004, p.65).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Medeiros e Sato (2013) afirmam que o foco da Educação Ambiental deve ser o conhecimento dos processos de vida. Assim, as intervenções de Educação Ambiental realizadas com grupos sociais não devem ser impositivas, mas sim reflexivas e críticas, gerando-se processos criativos e contribuindo para a emancipação dos sujeitos. Referindo-se à Educação Ambiental crítico-emancipatória, uma tradição no campo da Educação Ambiental, Loureiro (2006) destaca:

Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada (LOUREIRO, 2006, p.131).

Com base nesse contexto, emerge a importância de não se focar somente em ações pontuais, mas em intervenções que envolvam grupos sociais, comunidades, famílias, e sejam provocadoras de reflexão, sensibilização e mudança quanto às questões ambientais. As diferentes formas de relação no contexto ambiental são possíveis porque o meio social é um espaço de desenvolvimento humano diverso, onde acontecem inter-relações entre saberes e práticas coletivas, sendo que muitas delas, em decorrência de sua índole, “*criam identidades e valores comuns e ações solidárias face à reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes*” (JACOBI, 2004, p.30).

A Educação Ambiental vivenciada por meio do diálogo crítico constitui o sujeito que, ao compreender o seu poder de interferência social, pode transformar a realidade em que vive. É nesta abertura ao diálogo e ao confronto de conhecimento que a Educação Ambiental se insere, possibilitando que surjam conceitos e práticas sustentáveis. É possível articular e planejar ações entre pessoas de uma mesma comunidade, relacionando e interagindo com as formas de conhecimento populares. Através da Educação Ambiental e de iniciativas de mobilização é possível transformar o meio físico-natural, tornando-o mais equilibrado e deixando as inter-relações sociais mais justas e solidárias, articuladas com a melhoria da qualidade de vida e com a dignidade humana. “*Uma Educação Ambiental crítica e emancipatória no meio rural pode contribuir para que os indivíduos que vivem neste meio se percebam como sujeitos ativos na apropriação e na elaboração do conhecimento [...]*” (ZAKRZEWSKI, 2004, p. 85). Para Zakrzewski, os indivíduos são agentes de transformação, podendo eles mesmos provocarem mudanças na realidade em que vivem.

No que tange ao meio rural, Carvalho (2001) destaca a importância de trabalhar com grupos de agricultores, por exemplo, possibilitando uma Educação Ambiental cuja interação com o meio ambiente é mais direta. Em relação à capacidade da educação promover valores ambientais, a autora escreve que o processo educativo não se dá apenas pela aquisição de informações, mas que ele acontece pela aprendizagem ativa, onde ocorre a construção de novos sentidos para a vida. “*Trata-se de um processo que envolve transformações no sujeito que aprende e incide sobre sua identidade e posturas diante do mundo [...]*” (CARVALHO, 2001, p.49).

Em relação à formação, Bondía (2015) sugere que seja pensada como uma ideia não prescrita, que não siga um modelo normativo, padronizado e itinerários preestabelecidos, mas que se coloque como um devir plural e criativo. Sua noção de formação se conecta com sua noção de experiência.

[...] na formação, a questão não é aprender algo. A questão não é que, a princípio, não saibamos algo e, no final, já o saibamos. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende, na qual o aprender deixa o sujeito imodificado. Aí se trata mais de se constituir de uma determinada maneira. De uma experiência em que alguém, a princípio, era de uma maneira, ou não era nada, pura indeterminação, e, ao final, converteu-se em outra coisa. Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito (BONDÍA, 2015, p.52).

Nesse sentido, ações práticas e sensibilizadoras podem levar o ser humano à reapropriação cultural do meio ambiente, estabelecendo, com ele, responsabilidades harmoniosas. Desse modo, “*mais do que informações ou*

transmissão de conhecimentos, a Educação Ambiental é concebida como a possibilidade de construção de novos valores e atitudes, na forma de comprometimento coletivo” (MEZOMO, 2010, p. 30).

Para Guattari (1990), a natureza não pode ser dissociada da cultura, neste sentido o ser humano precisa aprender a desenvolver um pensamento transversal para implantar essa aprendizagem em sua essência cognitiva e psíquica, a fim de entender as frágeis relações que regem o macrocosmo deste planeta e o microcosmo entre os seres viventes. O autor propõe pensar o homem enquanto um ser psíquico, envolvido e envolvente, e não como um objeto no ou do meio. Segundo ele, é necessário criar novos territórios existenciais, para o melhor desenvolvimento individual e coletivo, para que se reaprenda a ser humano novamente, para que se possa perceber o meio como um aliado parceiro e não apenas como um meio irrestrito de subsistência.

O autor defende que só uma articulação ética, política e estética, o que ele chama de ecosofia – nas esferas do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana - é que poderá ajudar a esclarecer as questões que ameaçam nossas sociedades e nossas vidas. Nessa perspectiva, o pensamento ecosófico de Guattari expressa as formas como as pessoas interagem entre si, com o meio físico e consigo mesmas.

O autor observava uma desintegração entre os grupos, onde cada vez mais as pessoas encontravam-se isoladas, conectadas aos meios de comunicação mais tecnológicos e distantes da afetividade. Essa situação está presente em quase todos os lugares, nas escolas, nas famílias, no trabalho e, por isso, o autor trata da ecosofia social com a intenção de desenvolver práticas específicas para modificar e reinventar essas relações de “ser em grupo”. A ecosofia social consiste *“em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc.”* (GUATTARI, 1990, p. 15).

Para Guattari (1990) as relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a “natureza” tendem a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto (GUATTARI, 1990, p. 23). Assim, a ecosofia ambiental *“aponta a necessidade de se relacionar, de forma ao mesmo tempo racional e subjetiva, as relações da natureza com o meio social, implicando no social, no político e no econômico”* (TORRES, 2009, p. 160). É preciso tomar consciência da problemática ambiental em que se está inserido para aprender a cuidar de si e do outro, pois a crescente deterioração dos recursos naturais coloca em risco a qualidade de vida. Com isso, faz-se necessário uma reforma de pensamento, para que se possam promover ações que contribuam para o equilíbrio do meio em que se vive.

Para Cavalcante (2017), a ecosofia estimula uma ampla consciência ambiental, possibilitando extrair do campo da aprendizagem e do conhecimento

o potencial de cada um tornar-se capaz de compreender o que o planeta precisa e rever suas ações. *“Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, [...]. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores”* (CAPRA, 1996, p.23).

Entende-se que a articulação entre subjetividade humana, relações sociais e com o ambiente, existentes e/ou provocadas por experiências que ampliam os sentidos, podem possibilitar a reinvenção de formas de ser e de se expressar no mundo, constituindo novos territórios existenciais desenhados enquanto paisagens socioambientais vividas pelos sujeitos individual e/ou coletivamente. Portanto, se propõe, além de uma Educação Ambiental que assume a perspectiva ecosófica, a possibilidade destas experiências incrementarem as paisagens socioambientais vividas.

Os aspectos subjetivos do mundo vivido, conforme Guimarães, se cristalizam formando paisagens marcadas pela racionalidade e pela afetividade. Dessa forma, a autora propõe o conceito de “paisagem vivida”, que *“relaciona-se aos processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens”* (GUIMARÃES, 2002, p.124).

A experiência ambiental nos induz à reflexão da existência destes espaços e lugares, pois as paisagens circunscritas aos mesmos, envolvendo nossas vidas e ancorando recordações, encontram-se impregnadas de significados. Estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginante (GUIMARÃES, 2002, p.125-126).

Nas diversificadas paisagens encontram-se marcas da história vivida pelas sociedades, onde a adaptação do homem é parte significativa na construção destas paisagens, diz Lima (2000). Assim, cada ser humano constrói e seleciona, de forma íntima e individual, *“as paisagens que envolvem sua própria história de vida, numa revelação de símbolos que encerram em si as atitudes, percepções, os sonhos e sentimentos únicos, singulares, relativos às suas vivências”* (LIMA, 2000, p.8).

Na convivência do sujeito com a paisagem, esta revela-se numa experiência íntima, do contato direto do humano com os elementos naturais, e simbólica, ou seja, da significância que estes elementos (naturais e não-naturais) possuem em suas vivências, pois *“cada objeto é percebido e interpretado em função de seu contexto”*, afirma Cabral (2000, p.37). É desta forma que as paisagens ganham vida. Como sintetiza Carvalho (2011, p.38), *“falar de paisagem é falar de nós mesmos”*. E provocar interações diretas de mulheres rurais com a natureza, a fim de gerar encontros de sensibilização ambiental inspirados na ecosofia, explorando o contato direto e envolvente com o meio onde vivem, é uma forma de criar e recriar paisagens socioambientais.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 5: 345-364, 2020.

Método

O estudo é qualitativo, apoiado nos significados dados pelas participantes à experiência, ao descrevê-la. Os procedimentos técnicos utilizados foram os estudos bibliográfico, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica apoiou-se em textos acadêmicos sobre mulheres rurais, Educação Ambiental e paisagem socioambiental. Os documentos auxiliaram a caracterizar o contexto social das mulheres. A pesquisa de campo incluiu entrevistas individuais (ao início e ao final do processo de coleta de dados); intervenções de sensibilização ambiental, observação direta e rodas de conversa, que funcionaram como grupo focal. O grupo focal é uma metodologia qualitativa que pode gerar uma gama de informações extremamente ricas e significativas e "*quando bem orientado, permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas*" (COSTA, 2005, p. 180).

A amostra foi constituída por um grupo de mulheres rurais do município de Lagoão/RS, o qual possui um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado, uma área de 383,601 km² e, segundo os dados do Censo Demográfico de 2018, tem 6.442 habitantes (IBGE). A agricultura familiar predomina no meio rural, em pequenas unidades de produção agrícola.

As mulheres rurais em questão participam ativamente de uma organização formal, com atividades periódicas pautadas em temas sociais, políticos, econômicos e de saúde. Estes encontros são organizados pela Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais e pela extensionista rural social do escritório municipal da Emater/RS-Ascar de Lagoão.

Atualmente 300 mulheres participam de 13 grupos organizados no município. Elas atuam na agricultura familiar, com atividades de agroindustrialização caseira de alimentos e comercialização informal. Cerca de 20% das mulheres possuem baixa renda, enquadrando-se no grupo de famílias que cultivam apenas para subsistência e/ou sobrevivência. São, em sua maioria, beneficiárias do Programa Bolsa Família do Governo Federal (SISPLAN - EMATER/RS-ASCAR).

Esta pesquisa foi desenvolvida com um dos grupos, da comunidade de Ronda Alta, que possui o maior número de famílias carentes do município e onde participam 52 mulheres que têm entre 14 e 60 anos. Destas, nove se propuseram a participar da pesquisa e estiveram presentes em todos os encontros, que aconteciam uma ou duas vezes na semana. Cada encontro era realizado na propriedade de uma das mulheres. Nestes momentos usou-se da observação direta, considerada uma "*técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana*" (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 2).

As intervenções foram organizadas em oito encontros de sensibilização, sendo um de aproximação e um de finalização, e os outros seis divididos nas três abordagens: subjetiva, relações sociais e com o ambiente, conforme a

proposta ecosófica de Guattari. Todos os encontros mantinham a mesma estrutura, com uma pergunta reflexiva, atividade sensorial, atividade reflexiva, pergunta reflexiva de cunho avaliativo ao final. O Quadro 1 identifica as etapas e ecologias exploradas nos encontros.

Quadro 1: Etapas das intervenções

Primeiro encontro - Aproximação
Segundo e terceiro encontros - relações subjetivas
Quarto e quinto encontros - relações sociais
Sexto e sétimo encontros - relações com o meio
Oitavo encontro - Finalização/Celebração

O tratamento dos dados se deu com uso da análise textual, que tem por finalidade descrever e interpretar os textos sobre o tema a ser pesquisado, no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos discursos dos mesmos. O *corpus* foi formado pelos dados registrados sobre as observações e por meio das entrevistas e das transcrições dos encontros de sensibilização, com rodas de conversa. A organização e análise dos dados se deu individualmente e, após, procedeu-se uma análise coletiva. Neste momento, evidenciaram-se duas categorias que emergiram ao longo do estudo, sendo, no entanto, decorrentes do próprio objetivo da pesquisa.

A Educação Ambiental ecosófica e suas potências

As análises organizam-se conforme duas categorias: a) a proposta de intervenção, suas intenções e potências; b) ressignificações da paisagem de vida.

a) a proposta de intervenção, suas intenções e potências

As práticas de Educação Ambiental devem ser construídas de forma reflexiva e baseadas no conhecimento dos processos de vida dos sujeitos participantes, como propõem Medeiros e Sato (2013), gerando processos criativos e contribuindo assim para a emancipação dos mesmos. Durante os encontros, foi necessário adaptar atividades, reavaliá-las e substituí-las, tendo em vista as histórias de vidas e os modos de conhecimento que se evidenciavam.

As atividades desenvolvidas nesse processo, basearam-se em perguntas reflexivas no início e no final de cada encontro. No início a intenção era provocar a introspecção e a emersão de sentimentos pessoais, decorrentes das vivências de cada mulher. Permitia-se com isso uma abertura para receber

as outras atividades, uma vivencial seguida de uma reflexiva, para, ao final, dar-se espaço para uma pergunta avaliativa.

A primeira pergunta reflexiva era um momento para cada mulher parar e refletir. Ao serem convidadas a se compararem a algo da natureza, por exemplo, cada mulher buscou em seu íntimo algum elemento que se parecesse com ela. Todas adentraram o jogo e responderam para além da semelhança física, buscando um elemento tradutor de seu modo de ser e de sua forma de estar no ambiente. A partir desse momento inicial já se podia começar a ter uma compreensão de aspectos da subjetividade de cada mulher, os quais foram se confirmando no decorrer dos demais encontros.

A denominada pergunta reflexiva funcionou como um disparador de proximidade das mulheres consigo e com o grupo e da pesquisadora com elas. A técnica foi utilizada em todos os encontros, e permitiu um envolvimento suave e esclarecedor. Quando se ouvia, entre as mulheres, um “nunca havia pensado nisso”, com certeza, se havia despertado um novo elemento para compor as paisagens socioambientais de cada uma. As perguntas reflexivas finais transmitiam a emoção sentida por cada mulher naquele encontro. Além de possibilitar a identificação de um sentimento predominante, que era externalizado, se obtinha uma avaliação do processo desenvolvido naquele encontro (Figura 1).



Figura 1: Momento de realização de uma pergunta reflexiva final. **Fonte:** Das autoras.

As perguntas reflexivas usadas no início dos encontros foram: a) Se eu fosse algo da natureza, o que eu seria? Por quê?; b) O que eu valorizo em mim mesma? Por quê?; c) Como está o meu tempo interno?; d) O que eu valorizo em minha comunidade? Por quê?; e) Alguém da minha vida com quem aprendi alguma coisa. O que aprendi com essa pessoa?; f) O que é sagrado para mim?; g) Em que ambiente me sinto mais feliz?; h) Algo que me faz rir por dentro? Entre as perguntas usadas no final dos encontros, de cunho mais avaliativo, foram usadas: a) Como estou saindo desse encontro?; b) Como eu me senti em relação ao encontro de hoje?; c) Pelo que sou grata hoje? Por quê?; d) O que estou levando destes encontros?

Em sequência às perguntas reflexivas, foram desenvolvidas atividades que exploraram os sentidos, possibilitando às mulheres um contato sensorial mais conectado com elementos da natureza. Observar a paisagem do ambiente com mais calma e ouvir os sons da natureza em sua plenitude foram substanciais para as mulheres perceberem que raramente tiravam tempo para sentir com suavidade os elementos naturais que as circundam e que, na maioria das vezes, deixam passá-los despercebidos, porque estão envoltas na concepção de obrigação atrelada ao trabalho. Algumas delas disseram que “foi a primeira vez que fizeram isso na vida”.

Confiança, percepção e gratidão foram alguns sentimentos que afloraram a partir do momento que as mulheres vendaram os olhos e precisaram ser guiadas por outra (Figura 2) ou quando precisaram “caminhar juntas” dando passos na mesma direção. Ao caminharem juntas, uma mulher precisou confiar na outra para fazer a atividade com tranquilidade. Cada uma foi percebendo a importância da outra e, assim, foi entendendo que não estava sozinha no mundo e que necessita cultivar boas relações sociais para melhorar sua própria qualidade de vida. “Até na família da gente, nem sempre a gente consegue dar os passos sozinha, ou a gente precisa de um filho, ou precisa do marido, ou precisa da mãe, a gente sempre precisa de alguém”. Este foi um dos relatos que emergiu nesta atividade. O sentimento de gratidão foi verbalizado pelas mulheres porque puderam enxergar de outro modo o mundo a sua volta, com os olhos vendados, quando exploraram o tato tendo o apoio das outras, imersas em um ambiente composto pelo que lhes faz bem, suas moradas, a natureza e a família.



Figura 2: Vivência em que as mulheres foram guiadas umas pelas outras.

Fonte: Das autoras.

Em uma das vivências foi oportunizado às mulheres uma atividade de alongamento e relaxamento, as quais, como se intuía, foram experimentadas pela maioria, “pela primeira vez na vida” (Figura 3). Paraphrasing Bondía (2002), esse “momento de parada” significou para as mulheres uma forma de

descanso, que, em muitas vezes, pelo seu laborioso dia a dia, elas nunca se oportunizam. As massagens realizadas umas nas outras foram tão benéficas, que disseram “querer dar-se tempo para praticar mais vezes no curso de sua vida”. Ao final desta vivência, ao ar livre, as mulheres responderam como estava seu tempo interno. Algumas respondiam olhando para o céu e fazendo comparações, mas, o que chamou atenção, foi que uma mulher disse que no início do encontro seu tempo estava “nublado e pesado”, e ao final do encontro, saiu sentindo-se “bem melhor emocionalmente”. Isso evidencia o efeito terapêutico da proposta de Educação Ambiental ecosófica.



Figura 3: Momento de alongamento e relaxamento. **Fonte:** Das autoras.

Quanto às atividades reflexivas, foram subsidiadas por rodas de conversas (Imagem 4) e dinâmicas que tratavam questões subjetivas, sociais e ambientais. Os primeiros encontros tratavam de questões relativas à dimensão subjetiva, quando pode-se conhecer profundamente cada mulher por meio do relato de suas histórias de vida. Foram esses os encontros que geraram mais emoções durante todo o processo de intervenção, pois as mulheres falaram de suas trajetórias, seus sentimentos e suas preocupações.



Figura 4: Rodas de conversas. **Fonte:** Das autoras.

Ao iniciar o processo de conversas, as mulheres demonstraram a necessidade de “se abrir” e falar de suas emoções, como aconteceu na dinâmica das fotografias, por meio da qual cada uma relatou sua história de vida. Ao contar sobre momentos felizes da sua infância e lembrar dos momentos em contato com a natureza, perceberam, com emoção, do que há muito tempo não falavam e do que também já não experimentavam, como algumas possibilidades que já existiam apenas na memória.

No quarto e no quinto encontros, quando os temas eram as relações sociais com os grupos que as envolvem na própria comunidade ou com suas próprias famílias, evidenciou-se como se dão os relacionamentos entre ambos e como estes se fortalecem ou enfraquecem com o passar do tempo. Algumas mulheres possuem vínculos sociais muitos fortes, contribuindo para o fortalecimento afetivo de sua comunidade, já outras, em minoria, são mais reservadas e suas relações se restringem aos seus familiares. Um dos relatos de quem tem envolvimento comunitário foi que gosta de se “envolver com as pessoas da comunidade, isso me traz paz de espírito”.

Com a realização da dinâmica do Diagrama de Veen, que possibilitou localizar os grupos sociais no entorno e o posicionamento delas em relação a eles (mais ou menos perto), as mulheres relataram o motivo da proximidade ou distanciamento com cada grupo (Figura 5). Algumas mulheres, na entrevista final, relataram que elevaram sua participação comunitária e as oportunidades de interação social após esta atividade. Uma delas relatou: “estou saindo mais de casa e tirando mais tempo para participar dos grupos na comunidade”.

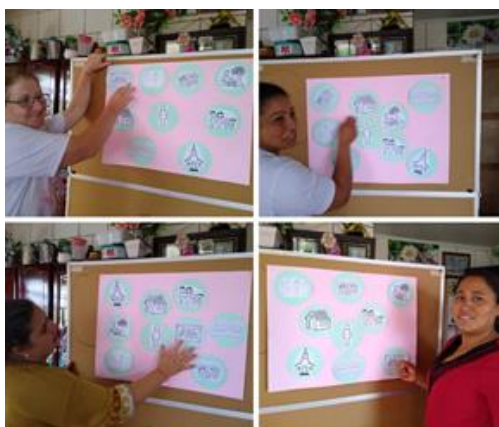


Figura 5: Diagrama de Veen. **Fonte:** Das autoras.

Os encontros sobre as relações ambientais causaram maior aproximação das mulheres com o ambiente natural. A trilha em meio a natureza, realizada durante o sexto encontro, provocou um sentimento de paz e um retorno ao passado, rememorando a infância, quando o contato com a natureza era mais intenso e envolvente, como destaca Tuan (1980). A própria dona da propriedade onde há uma cachoeira, visitada durante a trilha, disse na entrevista final que “há muito tempo não visitava esse lugar tão bonito, nem minha filha com três anos conhecia e agora pede para ir lá”.

A dinâmica FOFA, que identificou Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças em relação a algo, gerou reflexões sobre aspectos internos e externos de uma propriedade (espaço que medeia as relações das mulheres com seu ambiente de trabalho), oportunizando a elas entender a forma como se dão ali diversas relações e qual o grau de importância que assumem para cada uma, quais são suas prioridades no trabalho rural e como transcorre a divisão de tarefas (Figura 6). A dinâmica possibilitou uma maior compreensão das suas relações com o ambiente rural onde estão inseridas. “Falamos do serviço da gente, o que a gente faz no dia a dia”, sintetizou uma delas após a experiência. Com base nesse contexto, pode-se identificar aspectos que caracterizam as relações familiares, como o grau de autonomia de cada mulher, as tarefas executadas individual ou coletivamente, o trabalho em que cada uma mais se envolve ou o que lhe dá mais prazer, o apego ao lugar e o significado que assume para cada uma a profissão de agricultora.



Figura 6: Dinâmica FOFA. **Fonte:** Das autoras.

O último encontro, destinado a uma confraternização, fez emergir a potência do afeto e das amizades que se construíram ao longo do processo da pesquisa, por meio das intervenções em Educação Ambiental ecosófica. As fotografias de todos os encontros foram entregues às mulheres, que ficaram felizes em receber os registros da experiência (Figura 7).



Figura 7: Compartilhamento de fotografias entre as mulheres. **Fonte:** Das autoras.

Neste dia foi realizada a dinâmica do amigo-secreto, em que cada mulher providenciou a flor mais bonita que havia em sua propriedade para presentear com uma mensagem aquela que seria sorteada sua amiga (Figura 8). Esta dinâmica demonstrou o vínculo afetivo formado durante os encontros⁴.



Figura 8: Mulheres presenteadas com as flores e as camisetas. **Fonte:** Das autoras.

Ao final do processo da pesquisa, as participantes receberam uma camiseta como lembrança do processo protagonizado e um agradecimento por ter tornado possível o estudo.

Ao longo do estudo evidenciou-se a relevância de se experienciar práticas intervencionistas que gerem envolvimento das mulheres com seu espaço socioambiental, a fim de observar possíveis transformações nas suas relações com o meio, com o outro e consigo mesmo. Por meio das intervenções pode-se observar nas mulheres rurais manifestações de proteção e cuidado com o meio natural e social em que estão inseridas.

Não se observou nenhuma forma de exploração ou dominação patriarcal neste grupo específico. Os movimentos feministas avançaram nos últimos anos no que diz respeito às mulheres conquistarem seu espaço na sociedade, e as participantes desta pesquisa, talvez por já integrarem um grupo organizado de mulheres rurais, demonstraram assumir um papel protagonista nas suas vidas.

Salientou-se, nas rodas de conversas, que algumas abordagens em Educação Ambiental descritas por Sauv  (2005), se aproximaram do que se evidenciou na pesquisa de campo. A disponibilidade das mulheres para a Educa o Ambiental, ressaltada na corrente feminista, emergiu na pesquisa quando as mulheres se propuseram a participar e demonstraram sensibilidade durante as atividades vivenciais. A corrente feminista integra os valores feministas e exalta a afetividade e a habilidade que a mulher tem em lidar com temas ambientais. Habilidade de perceber o valor simb lico e afetivo das

⁴ Como forma de agradecimento pela participa o de todas as mulheres nos encontros, a pesquisadora que realizou as interven es (primeira autora deste artigo) presenteou-as com um copo e uma camiseta com a palavra "gra id o", em uma retribui o ao afeto demonstrado no transcorrer da pesquisa.

relações entre o meio ambiente e a sociedade na qual se encontra inserida e para promover a harmonia entre as pessoas e a natureza.

Outra abordagem que demonstrou proximidade com o estudo foi a corrente da ecoeducação, pois foram evidenciados aspectos relativos à potencialidade das mulheres para aprender por meio da experiência e da relação com o meio ambiente, exaltando um sentimento de pertencimento ao meio natural, num enfoque sensorial e afetivo. Como salienta Sauv  (2005), o espa o entre a pessoa e seu meio n o est  vazio,   onde se tecem as rela es da pessoa com o mundo. As interven es preencheram ainda mais o espa o entre as mulheres e a natureza, diminuindo poss veis vazios de sentido quando ocorreram processos de ressignifica es.

A corrente da ecoeduca o mistura aspectos das correntes naturalista, humanista e etnogr fica, entendendo o meio ambiente como um ponto de intera o entre o ser humano e a natureza, a fim de que os sujeitos envolvidos nos processos educativos possam aprender por meio da experi ncia e da sua rela o com o mundo. *“O meio ambiente nos forma, nos deforma e nos transforma, pelo menos tanto quanto n s o formamos, o deformamos, o transformamos”*, diz Sauv  (2005, p.36).

Nesse espa o de rela es criado por meio da pesquisa interven o, foi poss vel entender como as pessoas percebem o mundo, as coisas no mundo e as outras pessoas em seu contexto, conforme escrevem Higuchi e Azevedo (2004). Conhecendo mais do contexto socioambiental de cada mulher, emergiram semelhantes e diferentes formas de pensar e fazer, o que alimentou os encontros e as pr ticas de Educa o Ambiental.

b) ressignifica es da paisagem de vida

Por meio das entrevistas e interven es realizadas obteve-se uma maior compreens o de como se d  a rela o da mulher rural com o meio onde encontra-se inserida. Algumas mulheres relataram que “jamais trocariam de lugar para morar”, ou pelo menos que n o sairiam do meio rural. Como diz Gomes, Nogueira e Toneli (2016), os contextos rurais se concebem como promotores de modos de vida, ou seja, o meio rural, de certa forma,   produtor e reproduzidor de modos de exist ncia.   nessa ambi ncia, onde a vida acontece, que as mulheres fortalecem o seu protagonismo e sua autonomia, reproduzindo rela es positivas com o lugar. Os aspectos negativos s o observados a partir dos modos de vida de menor sucesso, como por exemplo, duas mulheres que gostariam de ter oportunidade de sair do meio rural, pois consideram que ali “a vida   mais sofrida”.

No momento em que as mulheres foram reconhecendo seus modos de exist ncias elas tamb m foram ressignificando a paisagem do ambiente, uma vez que todas elas passaram a fazer uma nova leitura do meio em que vivem. Essa releitura de paisagem ocorreu devido  s conversas, caminhadas e atividades ao ar livre, quando identificaram espa os poucos visitados ou at 

mesmo considerados insignificantes que, por meio das atividades, ficaram impregnados de novos sentidos. As paisagens externa e interna foram ressignificadas concomitantemente.

Evidenciou-se o que Tuan (1983) escreve sobre o espaço que, sendo de certo modo abstrato, com o passar do tempo pode se transformar em lugar à medida que as pessoas o dotam de valor, percebendo-o não só materialmente. Devido à realização dos encontros nas suas propriedades, as mulheres passaram a perceber o ambiente onde vivem de maneira mais sensível, valorizando locais que não gostavam: “não gostava do local do pomar, achava feio, e a partir do encontro realizado em minha propriedade, passei a vê-lo com outro olhar e cuidá-lo mais”, disse uma delas. Passaram a observar suas qualidades estéticas, produtivas ou de prazer. Ou seja, as vivências despertaram novos olhares sobre seu ambiente de vida. Essas mudanças agregaram valor não só simbólico ao lugar, mas também material, já que se traduziram em, por exemplo, cercamento e melhoria do pátio, reforma e ampliação da casa, limpeza do terreno e jardinagem.

Ressignificar a paisagem onde vive, foi, para cada mulher, um propósito que surgiu no decorrer dos encontros, pois antes a paisagem socioambiental era demasiadamente “naturalizada” pelo contato contínuo. Com as intervenções, as paisagens passaram por um momento de estranhamento e reconhecimento pelas mulheres rurais. Pode-se afirmar que cada mulher agora faz uma observação mais atenta do ambiente onde vive e das pessoas com que convive, o que se reflete na sua qualidade de vida.

A paisagem onde estas mulheres vivem é inerentemente socioambiental. Ter sua propriedade é um “sonho realizado”, decorrente do trabalho, como algumas relataram. Ao longo do tempo, organizaram-na enquanto uma paisagem socioambiental familiar, pois muitas mulheres, quando chegaram ao que hoje é sua moradia, dizem não ter encontrado nada além de “mato”. Construíram sua casa, seu jardim, seu pomar, sua horta e sua família, relações socioambientais que dão sentido à vida de cada uma, fazendo-as perceberem-se como sujeitos transformadores do mundo em que vivem. Os laços familiares com o ambiente imprimem os afetos mais relevantes à paisagem socioambiental destas mulheres.

A afetividade e a construção de imagens que se cristalizam no mundo vivido formam o que, segundo Guimarães (2002), pode-se chamar de “paisagem vivida”. Paisagens marcadas pela história destas mulheres, que se adaptaram ao seu ambiente e o reconstruíram a sua maneira. Entende-se, com isso, que cada mulher construiu, de forma íntima e individual, a paisagem que envolve sua própria história de vida, o que vai ao encontro do pensamento de Lima (2000) e de Cabral (2000), quando estes afirmam que é na convivência direta ou indireta do sujeito com a paisagem, e através desses significados, que a mesma ganha vida.

Para Souza (2016), a paisagem construída ou reconstruída por cada mulher é representada pela própria imagem que ela faz do lugar onde vive e

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 5: 345-364, 2020.

por suas experiências de vida. Enfim, as relações consigo, com o outro e com o ambiente é o que forma as paisagens socioambientais.

Paisagens como lugares no mundo

As paisagens vividas por cada mulher são, de fato, seus lugares no mundo. Lugares que abrangem uma multiplicidade de significados que vão ganhando forma e valor no curso de suas vidas. Cada experiência decorrente do processo de intervenção apontou que as paisagens podem ser encontradas no ambiente externo, mas, principalmente, podem se constituir a partir da interiorização de espaços que são transformados em lugares por meio de processos de ressignificação, que são contínuos.

Observou-se as experiências transformarem paisagens interiores. As paisagens subjetivas emergentes dos encontros ficaram impressa nas histórias de vidas das mulheres, que se teciam também no aqui agora das intervenções. As mulheres perceberam-se com a necessidade de darem-se tempo para si, para cuidar e admirar mais as paisagens subjetiva, social e ambiental. Experimentaram com mais sutileza o movimento em que flui a sua vida.

Quando algumas delas observaram a possibilidade de ampliar e qualificar as relações, também o espaço social foi sendo experienciado como lugar, já que o sentimento de pertencimento aos grupos familiar e comunitário assumiu outra dimensão. As mulheres perceberam de forma mais inteligível que, assim como a paisagem da propriedade, uma paisagem social é criada e pode ser recriada a partir de novas intensidades, as quais podem ser impressas nos vínculos afetivos já existentes. A paisagem vivida por cada mulher se ampliou um pouco. Dentro de cada paisagem pré-formada - subjetiva, social ou ambiental - foram aflorando novos elementos.

As metodologias participativas e as vivências na natureza, sob uma perspectiva ecosófica, promoveram processos sensibilizadores capazes de provocar transformações ecológicas na vida das mulheres rurais. Essas transformações se expressaram na maior afetividade que passou a permear suas relações. Conforme Sauer (1998), a paisagem natural é a primeira a ser valorizada, pois é a primeira a ser vista e sentida por quem a observa, o que se confirmou no decorrer das intervenções. Porém, como ressalta Salvador (2008), a paisagem é uma miscigenação dos elementos naturais e humanos, e é dessa forma que se entende como as paisagens socioambientais das mulheres rurais foram sendo constituídas ao longo de sua história. As vivências e as experiências destas mulheres traduzem as suas paisagens socioambientais, entendidas como aquilo que se vive, a história em movimento, como enfatiza Monbeig (2005).

É possível afirmar que a paisagem está em movimento porque ela pode ser constantemente transformada, seja alterando seus elementos naturais ou o sujeito mudando a sua própria maneira de enxergar o ambiente e nele colocar-se. Observou-se essa transformação com as mulheres inseridas nesta

pesquisa. E aqui, antes da transformação dos elementos naturais, as mulheres transformaram-se a si mesmas, mudando suas percepções sobre o lugar e criando novos conceitos sobre seu ambiente de vida. Passando a valorizar mais os aspectos subjetivos, as mulheres alcançaram um novo dimensionamento para suas relações socioambientais.

As paisagens socioambientais das mulheres rurais que participaram deste estudo já existiam antes dele, mas com as intervenções elas ficaram mais claras e assumiram algumas novas nuances, decorrentes tanto das experiências cotidianas das mulheres, como também das atividades vivenciadas em cada encontro, que estimularam os órgãos sensoriais e, conseqüentemente, suas emoções. Emoções que provocaram notórias mudanças subjetivas. Observou-se as mulheres mudando seu modo de ver e se conectar com o mundo.

Considerações finais

O estudo se propôs a investigar a potência de intervenções em Educação Ambiental ecosófica, a fim de compreender sua potência de envolvimento com as paisagens socioambientais. Exploraram-se, para isso, técnicas que compuseram uma metodologia criativa, valorizadora do contato direto com a natureza, da interação social e da introspecção.

Esta experiência de pesquisa demonstrou que novos *designs* metodológicos são possíveis e esperados para o campo da Educação Ambiental, merecedor de práticas inventivas, sensibilizadoras, para o que a exploração dos sentidos tem muito a contribuir. O ser se transforma quando algo o toca, e para isso a Educação Ambiental tem que ser valorizadora da dimensão corporal. As paisagens socioambientais foram recriadas quando sentidas de outro modo. As técnicas foram usadas como um meio, e não um fim em si mesmas, assim, demonstraram sua capacidade de envolver com emoção.

Os objetivos, portanto, foram atingidos e, como resultado, identificou-se que as metodologias exploradas neste estudo provocaram transformações ecológicas na vida das mulheres rurais; e que as paisagens socioambientais, com as intervenções, foram ressignificadas. Assim, considera-se a necessidade de aprofundar, em estudos futuros, questões relativas às paisagens socioambientais vividas e sua contribuição para o campo da Educação Ambiental.

Referências

- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002.
- BONDÍA, J. L. **Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, v.15, n.30, p.34-45, 2000.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARVALHO, I. C. M. Qual Educação Ambiental? Elementos para um debate sobre Educação Ambiental popular e extensão rural. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.2, n.2, p.43- 51, abr./jun. 2001.
- CARVALHO, D. R. de. A valoração da paisagem: uma reflexão do espaço concebido, percebido e vivido. 2011. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Pró-Reitoria e Pós-Graduação em Pesquisa - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
- CAVALCANTE, K. L. A ecosofia de Félix Guattari: uma análise da filosofia para as questões ambientais. **Cadernos Cajuína**, v.2, n.2, p.72-78, 2017.
- COSTA, M. E. B. Grupo focal. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 180-192, 2005.
- GOMES, R. de C. M.; NOGUEIRA, C.; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Psicologia & Sociedade**, v.28, n.1, p.115-124, jan./abr. 2016.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 11 ed. Campinas: Papirus, 1990.
- GUIMARÃES, S. T. L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, v.17, n.33, p.117-141, jan./jun. 2002.
- HIGUCHI, M. I. G.; AZEVEDO, G. C. de. Educação como processo na construção da cidadania ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, n. 0, p. 63-70, jul. 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Número total de mulheres da população brasileira**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acessado em: 12 de Mar. 2019.
- JACOBI, P. Educação e meio ambiente: transformando as práticas. **Rev. Brasileira de Educação Ambiental**, n.0, p.28-35, nov. 2004.
- LIMA, Solange T. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, v.15, n.30, p.7-33, 2000.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

MEDEIROS, H. Q.; SATO, M. T. Educação Ambiental intercultural no Estado do Acre, Amazônia Brasileira. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 35, n.2, p.211-119, dez. 2013.

MEZOMO, Á. M.; VIEIRA, L. F. S.; BORGES, M. G.; COLLE, C. **Trajetórias e vivências da Educação Ambiental na extensão rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2010. 124 p.

MONBEIG, P. A paisagem, espelho de uma civilização. In: DANTAS, A. **Pierre Monbeig: um marco da Geografia brasileira**. Porto Alegre: Sulina, p. 116-127, 2005.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS*. **Lume**, n.21, p.1-23, 2008.

SALVADOR, D. Das perspectivas técnicas e supra-orgânicas às representacionais: breves reflexões sobre as abordagens geográficas acerca da cultura. **Holos**, v.2, p.27-44, 2008.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, p. 12-74, 1998.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, v.31, n2, p.317-322, mai/ago. 2005.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, M., CARVALHO, I. (Orgs.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, p. 17-44, 2005.

SISTEMA DE PLANEJAMENTO DA EMATER/RS. **Institucional**. 2018. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SOUZA, V. C. Paisagem e lugar: a percepção dos comerciantes da Praia da Ponta Negra - Manaus/AM-Brasil. **Geosaberes**, v.6, p.621-628, 2016.

TORRES, M. O ecofeminismo: "Um termo novo para um saber antigo". **Terceira Margem**, v.13, n.20, p.157-175, 2009.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

ZAKRZEWSKI, S. B. B. Por uma Educação Ambiental crítica e emancipatória no meio rural. **Revista brasileira de Educação Ambiental**, v.1, n.0, p.79-86, 2004.